

Plural vazio no português real angolano*Empty plural angolan reality portuguese*

Francisco Sérgio Manuel Mabiala

E-mail: fransmabiala@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo é um dos resultados obtidos a partir da observação de dados no âmbito de uma investigação da dissertação de mestrado em educação na Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte (ESPLN) da Universidade Lueji A Nkonde (ULAN). Tem como **objectivo** descrever as marcas do Português Angolano (PA) dos alunos ingressantes nos cursos superiores da ESPLN ano académico 2019. As marcas, aqui, recaem ao Plural Vazio (PV). A nossa **hipótese**, a partir das provas, poderemos identificar PV. Os dados foram analisados através da variável estrutural com ênfase nas questões linguísticas como: a posição linear e a classe gramatical dos constituintes do Sintagma Nominal (SN), e a realização ou não do PV entre o SN e Sintagma Verbal (SV). Foram utilizados métodos como estudo bibliográfico, observação, tabulação e dedução.

Palavras-chave: Plural Vazio; Língua Portuguesa; Língua Primeira e Língua Segunda.

ABSTRACT

The present article is one result obtained from the observation of data in field of investigation of dissertation of master degree in education in Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte (ESPLN) in Universidade Lueji A Nkonde. It has as the objective to describe the marks of Angolan Portuguese (PA) of competitive students in higher education courses of ESPLN in the academic year 2019. The marks, here, rely on at Empty Plural. Our hypothesis, from the text we shall identify the Empty Plural. The data were analyzed through the structural variable with emphasis in the linguistic subjects as: the lineal position and the representatives' of Noun Phrase grammatical class, and the accomplishment or not of the Empty Plural between Noun Phrase and Verbal Phrase. Were applied methods such as bibliography study, observation, tabulation e deduction.

Keywords: *Empty Plural, Portuguese Language, First Language and Second Language.*

INTRODUÇÃO

A Língua Portuguesa, LP, como disciplina do currículo escolar angolano, assemelhando-se com o seu papel social no contexto também angolano que é o de permitir a comunicação em todo o território nacional, tem sido objecto de análise de vários estudos linguísticos desde o início da última década. De referir que, por um lado, aparecem os preocupados com a mesma como disciplina (professores de LP), que a todo o custo apontam o que se chama “erros” que os falantes vão cometendo e acabando mesmo por trabalhar e criticar para que esses sejam “corrigidos”, apresentando regras de uso “correcto”, por outro, aparecem os ainda escassos linguistas que vão mostrando interesse em descrever as particularidades do português enquanto elemento de comunicação em todo o território angolano. Por essa razão surge o termo “Português Angolano” pelas particularidades que a ela apresenta. De salientar que, Plural Vazio (PV), conforme (Undolo 2016b), foi dos factos mais recorrentes aquando da recolha de dados da nossa dissertação, porém não tendo sido campo de acção para a mesma, não nos restou outro caminho se não trazer este assunto, PV, em espécie de um artigo científico.

O presente artigo, para além da introdução, está estruturado em dois capítulos, o primeiro é a fundamentação teórica onde se fez uma abordagem da LP, da Língua Primeira (L1) e Língua Segunda (L2) no contexto angolano, PV e a formação do plural em algumas Línguas Bantu (LB). No segundo capítulo fez-se a apresentação dos dados, assim como a respectiva informação e dedução sobre os mesmos. Seguem-se as considerações finais.

Sendo a fundamentação teórica um processo de esclarecimento do pensamento dos autores, mediante conceitos, termos e confronto de diversos autores que já publicaram ou trataram acerca do tema em estudo, cingimo-nos nela com a mesma finalidade.

1.1. A LP em Angola

Antes de mais, é importante sublinhar que, a LP é uma das várias línguas originárias do latim vulgar que era falado por soldados, comerciantes e outros funcionários do estado do antigo Império Romano aquando da sua expansão e ocupação da Península Ibérica. (Castro, 2006) é citado por (Undolo, 2020, p. 43) em que quanto à LP podemos reter, nascido “no extremo setentrional da Galiza, até à ria de Aveiro e ao vale rio Vouga”, Undolo (*ibidem*) ainda continua dizendo que, “é uma língua neolatina e de tipo flexional”.

Vale trazer, aqui, (Pinto & Lopes, 2011, p. 21) quando se referem que, a LP “aparece em 5º lugar a seguir ao chinês, ao inglês, ao russo e ao espanhol, sendo falado por cerca de 210 milhões de pessoas espalhadas nos cinco continentes”. Somos a pensar que o número dos seus falantes provavelmente

tenha ultrapassado a barreira de 250 milhões porquanto da adesão em 2014 da Guiné Equatorial à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP e, também através dos trabalhos censitários alguns países actualizaram os seus dados.

A seguir a esta nota introdutória sobre a LP, eis que nos apraz começar com a seguinte pergunta: a LP é mesmo a língua dos portugueses?

Ora, o português como também é chamada a “língua dos portugueses” que, na verdade, deixou de ser apenas dos portugueses pelas razões históricas que dispensam comentários, é objecto de estudo de diversos académicos pelo mundo e como é sabido, as opiniões, às vezes, são mais divergentes do que se imagina, um exemplo muito concreto está no facto de haver (des)acordos ortográficos, refere-se também, aqui, o facto de até ao momento, Angola não aderir ao último (des)acordo ortográfico que, já, lá, vão três décadas desde que foi lavrado.

Quanto à possível resposta da pergunta acima, sabe-se que, o nosso posicionamento, aqui, acerca da LP é discutível, ou seja, suscita, como é óbvio, posicionamentos diferentes aos entendedores, e não só, dessa matéria. Não olhando para a vasta geografia em que a mesma é falada, a resposta é obviamente sim. Ao contrário, diríamos não, visto que, as línguas desde os primórdios foram sempre objectos mutáveis, alguns permanecendo ainda elas mesmas, apesar das suas cargas irreversíveis de mudanças e, as outras com as inevitáveis mudanças no tempo e no espaço passaram a ser novas línguas.

As mudanças são incontornáveis em todas as línguas vivas e quando muito acentuadas sobretudo em termos lexical, pode pensar-se na existência de um dialecto que mais cedo ou mais tarde poderá constituir-se numa língua própria, desde que se façam estudos para que isso aconteça. O linguista e professor (Undolo, 2020, p. 36) diz que “ o idioma português não significa o mesmo para todos os falantes do mundo”.

A partir dessa visão, vem-nos uma outra pergunta: perante as evidências de várias ordens sobre a LP no mundo, não estaríamos a falar do surgimento de outras línguas? A realidade mostra que as divergências acentuadas não apenas entre países, mas entre regiões diferentes dum mesmo país, levam-nos a pensar na existência de muitas línguas portuguesas, ou seja, ao invés da expressão LP poderia ser língua angolana, moçambicana ou brasileira, etc., quiçá até uma outra denominação, mas que, indubitavelmente, ao serem estudadas, teriam uma mesma origem, a LP, língua dos portugueses. Não obstante, a Constituição da República de Angola (2010) no seu artigo 19.^º n.^º1, estabelecer a LP, o idioma oficial do Estado, é que se torna uniforme o uso que se faz dela comparativamente com o Português Europeu (PE) e Português Brasileiro. A nós, fica a presunção de que o português a que o

artigo acima se refere é o PE. Importa salientar que, a tal norma é o ideal linguístico que politicamente satisfaz os interesses do Estado, mas que o real linguístico angolano aparece muito distanciado deste posicionamento por motivos tangentes às heterogeneidades culturais e linguísticas do território angolano. Para além, do PV que é o foco do presente artigo, o PA é bastante divergente do PE que não se pode continuar a ignorar a sua oficialização e o consequente investimento financeiro, material e humano para o seu profundo estudo contínuo.

1.2. L1 e L2 no contexto angolano

L1 tem esta designação toda a língua que um indivíduo adquire ainda no berço. A L1 também pode ser designada como Língua Materna (LM), muito pela presunção que se faz da relação existente entre a mãe e o filho, ou seja, o filho estando lado a lado com a mãe acaba sempre de se comunicar na língua usada frequentemente por esta. Nesta linha de pensamento, (Ferraz, 2006, p.20) diz que, “a metáfora língua materna remete-nos, em definitivo, para a mãe, porque é a voz dela que supostamente a criança primeiro ouve, daí, talvez, a designação língua primeira com que é também referida”.

Entende-se por Língua Segunda (L2) aquela que um indivíduo venha a adquirir ou pelo processo de aquisição ou pelo processo de aprendizagem, com a finalidade de se comunicar com os seus semelhantes, tendo sido já consolidado o uso de uma outra língua, neste caso, a primeira. Entretanto, os países que possuem uma única língua, a L2, obviamente é vista também como língua estrangeira. O caso de Angola, o estatuto de L2 é maioritariamente ocupado pela LP, sobretudo nas zonas rurais, onde há predominância das línguas autóctones de origem bantu. De realçar que em muitas dessas zonas, o português, para muitas crianças ingressantes na escola primária passa a ser um problema sério, uma vez o ensino passa por ela, acabando por colidir com a língua que a criança traz de casa.

Sendo a LP, no contexto angolano, L1 para alguns e L2 para os outros e, partilhando os mesmos espaços geográficos com as demais línguas nacionais, aliás é a única que não está ou não favorece uma delimitação da área geográfica em que é exclusivamente falada, se não em todo o território nacional, são inevitáveis as interferências mútuas, em todos os domínios, com as demais línguas e é dentro dessa lógica que se deve, aos poucos, abster-se da norma ideal descontextualizada.

1.3. Plural Vazio (PV)

Plural Vazio (PV), termo usado aqui no sentido a que os puristas da LP chamariam de falta de concordância de número entre os elementos pertencentes ao mesmo sintagma ou mesmo a falta de concordância entre os sintagmas numa dada sentença. Essa metáfora é um empréstimo que se faz à matemática, visto que este trata a questão de conjuntos vazios, aqueles que apresentam lacunas no

seu interior. O PV é uma realidade recorrente no PA, sobretudo no falado no leste de Angola. Não se sabe, em concreto, quem introduziu este termo para designar o fenómeno, mas o Professor (Undolo, 2016b) é um dos que podemos apontar, aqui, como um dos estudiosos pela sua introdução na linguística. Entretanto, numa visão purista, o PV não deveria ser admissível, ou seja, deveria ser condenável, pois interferiria negativamente na compreensão da mensagem.

(Oushiro, 2015, p.402) na sua pesquisa intitulado: Dois pastel e um chopes: a concordância nominal e identidade(s) paulistana(s) buscando atribuir nome ao fenómeno da elisão da marca do plural, considerou os termos “**marca zero**” e “**CN-Ø**” (**Concordância Nominal inexistente**) como sinónimos para fazer referência à variante sem concordância plena, tanto na análise atomística quanto na de SNs (ainda que, a rigor, só possa haver “concordância” entre palavras, ou seja, em SNs), frisou o mesmo.

Talvez noutras geografias onde a LP, também, seja objecto social de comunicação se pense ou se observe algo diferente em indivíduos letrados ou não no que concerne à ocorrência do PV, mas a realidade angolana, concretamente da cidade do Dundo, sede da província angolana da Lunda Norte, o PV está excessivamente presente e nem sequer causa ou interfere na compreensão, isto é, transmissão e recepção da mensagem. Talvez, por esse facto, é que (Labov, 2008, p. 237) considera que a “agramaticalidade da fala cotidiana parece ser um mito sem nenhum fundamento na realidade”.

Não obstante, o estudo comparativo da formação do plural entre as LBs vs a LP que, elucidaremos mais adiante neste artigo, recorremos, também, a outras pesquisas da mesma natureza dos estudiosos como: (Ferreira, 2013), (Simioni, 2006); (Oushiro, 2015), (Martins, 2010) e (Brandão & Vieira, 2012), que cada um mostrou a ocorrência da omissão da marca do plural, sobretudo no PB. De frisar que, com base nas pesquisas levadas a cabo pelos autores acima referenciados, descurramos a ideia de que o fenómeno do PV no PA seja apenas uma questão de interferências linguísticas. (Marcuschi, 2010, p. 47) afirma que “a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem”. Entende-se que as pessoas tenham um ordenamento da fala que naturalmente se transfere e passa para a escrita e a gramática que nesta ordem, de certa forma, ela afecta a gramática da escrita. Não obstante os autores citados acima terem constatado o PV no corpus oral, o nosso corpus escrito também foi possível constatar o mesmo fenómeno e, no nosso dia a dia, cá, é possível ouvir várias vezes a ocorrência desse fenómeno na oralidade. Portanto, estando e vivendo na cidade do Dundo há uma década, não é de se estranhar que no momento da leitura deste artigo se venham a encontrar marcas do PV ou até outras marcas caracterizadoras do PA.

1.4. A formação do plural em algumas Línguas Bantu (LB)

1.4.1. Exemplos da formação do plural na Língua Ngangela

Segundo (Undolo, 2016a, p. 43): “As línguas bantu apresentam um sistema de classes (que geralmente varia entre 10 e 20 classes nominais), caracterizado por vários prefixos nominais, que indicam o singular e o plural”. O autor designa de classe nominal “ao conjunto de nomes com o mesmo prefixo e/ou padrão de concordância”. Recorremos ao trabalho, pese embora, de forma superficial, do mesmo autor que apresenta alguns exemplos de mudança de número na língua Ngangela, veja a seguir: cf. (Undolo, 2016a, p.43).

Tabela nº1 – Formação do plural na Língua Ngangela

Singular		Plural	
Português	Ngangela	Português	Ngangela
Rapaz	Omukwenje	rapazes	ovakwenje
Criança	Omona	crianças	ovana
Carta	Omukanda	cartas	omikanda
Lavra	Epya	lavras	omapya

1.4.2. Exemplos da formação do plural na língua Cokwe

A partir do estudo feito por (Suequel, 2018) pode-se ver a caracterização dos nomes em função da prefixação do morfema flexional. Foi curioso ver e confirmar que a língua Cokwe também forma o seu plural recorrendo a prefixos, ou seja, em cada classe nominal apresenta um prefixo para o singular e outro para o plural. No mesmo estudo, constam ainda alguns exemplos que o autor recolheu em diversas fontes onde se dá a ocorrência do PV. Eis alguns exemplos:

Tabela nº2 – Formação do plural na língua Cokwe

Singular		Plural	
Mutu	Pessoa	Atu	Pessoas
Mutondo	Árvore	Mitondo	Árvores
Cipaya	Ombro	Ipaya	Ombros

1.4.3. Exemplos da formação do plural na língua Ibinda

A língua Ibinda apresenta oito (7) variantes que são: Ivili, Iyombe, Ikuakongo, Ikochie, Iwoyo, Isundi e Ilinji. A formação do plural na língua Ibinda (também designada Fiote) pode ser vista em (Mazunga, 2011, p.24). Como a seguir:

1^a Indica o singular ou plural duma palavra:

Ex.: **Diambu** – **mambu** (problema – problemas)

2^a Serve para fazer a concordância entre o adjetivo e substantivo, repetindo-se no adjetivo o prefixo do substantivo.

Ex.: **Lusende lunene** – **zisende zinene** (espinho grosso – espinhos grossos)

Kikundu kimbote – **bikundu bimbote** (banco bonito – bancos bonitos)

3^a É utilizado para ligar os substantivos aos adjetivos pronominais (pronomes).

Ex.: Likoko alili liandi; linâni liami. (este coco é dele; aquele é meu).

Para além dos pontos acima, o autor apresenta ainda outras particularidades da formação do plural na língua Ibinda, observe: Nota: Lulonga – Zindonga (prato – pratos)

Explica o mesmo que, existe a particularidade de o **I** se transformar em **d** (quando objectos) e **b** (quando pessoas) no plural, como no exemplo anterior e a seguir:

Muivi – Bivi (gatuno – gatunos)

Quando o substantivo é seguido por um advérbio (de quantidade), o **prefixo nominal pode ser suprimido**, mantendo-se assim a palavra no singular. É o caso que se pode chamar em português de substantivo colectivo. Ex.: Sende **ziwombo** (muitos espinhos), em vez de: **Zisende ziwombo**. (cf. Mazunga, 2011, p.24).

A apresentação dos dados a que nos referimos aqui é no sentido de descrever tal como foram observados no corpus e, consequentemente, em jeito de deduções, apontar o porquê de tais ocorrências. De salientar que, quarenta (40) testes/provas seleccionados de forma aleatória foram objecto da recolha de dados.

Tabela nº3 – dados colectados

Nº	Descrição	Transcrição	Ocorrências
1	PV	Pron. no Pl. e N no Sing.	Nossas convivênciaØ
2	PV	Pron. no Pl. e N no Sing.	Nossas convivênciaØ
3	PV	Pron. no Pl. e N no Sing.	dos nossos antepassadoØ
4	PV	SN no Pl. e V no Sing.	<u>Os adjetivos</u> melhor <u>caracterizaØ</u> a atitude do narrador é insegura.
5	PV	Omissão da marca de Pl.	GraçaØ a cultura...
6	PV	D e Num. no Pl. e N no Sing.	Os dois recursoØ expressivos principais...
7	PV	Pron. Pl. e N no Sing.	as nossas culturaØ
8	PV	D no Pl. e N no Sing.	os seguinteØ adjetivos...
9	PV	N no Pl. e V no Sing.	<u>adjectivos</u> melhor <u>caracterizaØ</u> a atitude é ser realista.

10	PV	Pron. No Pl. e N no Sing.	antigamente os nossos antepassado <u>Ø</u> conservavam muito bem a cultura...
11	PV	V e OD no Pl. e POD no Sing.	vistiam roupas adequada <u>Ø</u>
12	PV	N no Pl. e V no Sing.	tinham um costume de ensinar <u>as filhas</u> de se <u>cuidarØ</u> ...
13	PV	N no Pl. e V no Sing.	<u>os pais</u> ensinava <u>Ø</u> como pescar
14	PV	N no Sing. e V no Pl.	<u>as mães</u> também fazia <u>Ø</u> o mesmo...
15	PV	N no Pl. e V no Sing.	<u>os pais</u> falava <u>Ø</u> comos filhos
16	PV	D no Pl., N e V no Sing.	com a cultura <u>os cidadãoØ</u> aprende <u>Ø</u> ...
17	PV	Pron. no Pl., N e V no Sing.	é obrigatório que todos os cidadão <u>Ø</u> saiba <u>Ø</u> ...
18	PV	N no Pl. e V no Sing.	quais são as características que <u>identificaØ</u>
19	PV	SN no Pl. e V no Sing.	as suas <u>características físicaØ</u> não possui <u>Ø</u>
20	PV	D no Pl., Pron. e N no Sing.	as sua <u>Ø</u> identidade <u>Ø</u> os seus línguas
21	PV	D no Pl. e Ns no Sing.	a nossa cultura angolana tem 18 província <u>Ø</u> e nas 18 província <u>Ø</u> ... as suas cultura <u>Ø</u> ou identidade <u>Ø</u>
22	PV	SN no Pl. e V no Sing.	<u>os seguintes</u> adjectivos melhor caracteriza <u>Ø</u> a atitude da narradora...
23	PV	D no Pl. e N no Sing.	os acto <u>Ø</u> da nossa geração
24	PV	D no Sing.,N e V no Pl.	museu nos mostra as imagem <u>Ø</u> que simboliza o comportamento...
25	PV	N no Sing. e Adj. no Pl.	Encontramos a máscara mukixi que representa as mulheres africana <u>Ø</u> .
26	PV	N no Pl. e V no Sing.	<u>os seguintes</u> adjectivos melhor caracteriza <u>Ø</u> a atitude... por isto que definimos a cultura como pilar dos hábito <u>Ø</u> ... Atravez da cultura que não esquecemos o que nosso
27	PV	N no Pl. e V no Sing.	vamos muito respeitar a sociedade e as nossas cultura <u>Ø</u> para que ter mais respeito com mais velho <u>Ø</u> que anticamente...
28	PV	Pron. e D no Pl., V e N no Sing.	sem a cultura na sociedade não somo <u>Ø</u> nigue... nossos antepassado <u>Ø</u> ... faziam lá muito tempo e com as mulher <u>Ø</u> ...
29	PV	Pron. no Pl. e N no Sing.	não acontece nos nossos dia <u>Ø</u> .
30	PV	SN no Pl. e V no Sing.	<u>adjectivos</u> melhor caracteriza <u>Ø</u> a atitude... a nossa cultura é muito rica e valorizada em outros país <u>Ø</u> ...
31	PV	D no Pl., N e V no Sing.	<u>Os sentimentoØ</u> exprime <u>Ø</u> a interjeição... a cultura é conjunto de costume <u>Ø</u> ou rituais...a cultura visa buscar os conhecimento <u>Ø</u> ou conjunto de costume <u>Ø</u> ou rituais.
32	PV	SN no Pl. e V no Sing.	<u>os seguintes</u> adjectivos melhor a caracteriza <u>Ø</u> ...

2.1. Resultados da análise quantitativa

Num universo de **40** testes de ingresso, houve ocorrência de PV em **32** testes, tal como se pode ver no quadro anterior, com uma percentagem de 80%. Entretanto, o PV, de acordo com os dados, não ocorre apenas num sintagma determinado, visto que foi diagnosticado em várias situações entre elementos constituintes dos SN (Sintagma Nominal), SV (Sintagma Verbal), Sadj. (Sintagma Adjectival) e Sadv. (Sintagma Adverbial).

2.2. PV entre constituintes de SN

2.2.1. Posição linear de D-N (Determinante-Nome)

Na posição linear de D-N, houve 9 ocorrências do PV, representando 22,5% dos dados recolhidos, como se pode ver nos números 8, 16, 17, 23, 24, 26, 28 e 31(2x) da tabela acima. O PV nesta posição, ocorreu apenas no N, ou seja, o D flexiona para o plural, mas o N não é flexionado. Não se diagnosticou no corpus, em análise, uma situação em que o D estivesse no singular e o N no plural.

2.2.2. Posição linear de Pron-N(Pronome-Nome)

Na posição linear de Pron-N, o PV foi registado por cerca de 12 vezes, traduzindo uma frequência de 30%. Essa ocorrência pode ser vista nos números 1, 2, 3, 7, 10, 20, 21(2x) 27, 28, 29, 30 da tabela dos dados. Excepcionalmente, nesta posição, no número 20 houve ocorrência do PV tanto no Pron. como no N. Nos outros casos, o PV foi diagnosticado apenas no N. Portanto, não houve PV na situação em que o Pron. estivesse no singular e o nome no plural.

2.2.3. Posições lineares de Num-N (Numeral-Nome), N-Adj. (Nome-Adjectivo) e de expressões obrigatórias a flexionar

Nas posições lineares de Num-N, N-Adj. e de expressões flexionáveis, foram diagnosticadas para o primeiro caso 3 ocorrências, ver os números 6 e 21(2x). No segundo caso houve também 3 ocorrências, observar os números 11, 19 e 25. No último caso, expressões obrigadas a flexionar, “graçaØ a Deus” e conjunto de costumeØ”, registamos igualmente 3 ocorrências do PV, como podemos ver nos números 5 e 31(2x). De frisar que cada um dos casos aqui apresentados conta com uma frequência de 7,5%. Excepto no último caso em o PV ocorre no primeiro elemento, nos dois primeiros casos, Num-N e N-Adj., o PV aparece apenas no segundo elemento, ou seja, no N e no Adj. Não diagnosticamos situações oponentes a esses, em que o N viesse no plural e Num no singular; ou situações em que o Adj. estivesse no plural e N no singular.

2.2.4. PV na situação de concordância entre SN-SV (Sintagma Nominal-Sintagma-Verbal)

Na situação de concordância entre SN e SV, o PV foi diagnosticado em 14 ocasiões, representando 35% dos dados colectados. Este fenómeno pode ser visto nos números 4, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 26, 30 e 32 da tabela de dados. Na sequência SN-SV, a marca do plural não era colocada no núcleo do SV (verbo), ou seja, em todos os casos o sujeito aparece no plural, mas o predicado no singular. De realçar que não foram registadas situações oponentes a esta, em que o sujeito aparecesse no singular e o predicado no plural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é apenas um grão relativamente às informações que poderíamos apresentar em torno da variante do PA, sendo este, um todo que, tem trilhado caminhos de uma oficialização por parte do Estado Angolano.

O recurso que fizemos quanto aos exemplos da formação do plural em algumas LB, nomeadamente Ngangela, Cokwe e Ibinda foi somente para provar que as mesmas seguem um padrão igual entre si na formação do plural, com a colocação de prefixos às palavras primitivas, o que faz com que as mesmas sejam muito diferentes da LP, visto que este, forma o seu plural com acréscimo de sufixos às palavras.

Com base no resultado dos dados, é possível confirmar o padrão geral, em que, a maior parte dos falantes do PA, o plural da sentença é marcado obrigatoriamente no elemento que ocupa a primeira posição, sobretudo no SN. A mesma confirmação é, também, extensiva na questão da posição linear SN-SV, em que, a primazia da colocação/ocorrência do plural recai no SN. Assim, tanto as LAs assim como a LP têm-se influenciado mutuamente, daí, a razão de ser dos dados colectados. Finalmente, a partir da informação obtida dos dados, estamos em condições de afirmar que a nossa hipótese “a partir das provas dos ingressantes nos cursos superiores da ESPLN/2019, poderemos identificar PV que é uma das marcas do presente no PA” está confirmada.

REFERÊNCIAS

- Brandão, S. F., & Vieira, S. R. (2012). *Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português*. São Paulo.
- Constituição da República de Angola. (2010). Luanda: Imprensa Nacional - EP.
- Ferraz, M. (2006). Ensino da Língua Materna. Lisboa: Caminho, SA.
- Ferreira, S. B. (2013). A variação na concordância nominal de número no Sintagma Nominal no Português afro-brasileiro: abordagem mófica.. Fortaleza/Brasil: Entrepalavras.
- Labov, W. (2008). O estudo da língua em seu contexto social. Parabola editorial: São Paulo/Brasil.
- Marcuschi L. A. (2010). Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 10^a ed. São Paulo: Cortez.
- Martins, F. S. (2010). Uma abordagem sociolinguística da concordância nominal de número no falar dos habitantes do município amazonense de benjamin constant. Work. pap. linguist.

- Mazunga, J. S. (2011). Gramática elementar de Ibinda. Luanda: Mayamba Editora.
- Oushiro, L. (2015). Dois pastel e um chopes: a concordância nominal e identidade(s) paulistana(s). Belo Horizonte: Revista de Estudos da Linguagem.
- Pinto, J. M., & Lopes, M. d. (2011). Gramática do Português Moderno. Lisboa: Plátano Editora.
- Simioni, L. (2006). Aquisição da concordância nominal de número: um estudo de caso. Belo Horizonte: Rev. Est. Ling.
- Suequel, R. T. (2018). A constituição histórica do português de Angola para uma caracterização morfossintática e interferência linguística com o cokwe. Covilhã: Dissertação de Mestrado.
- Undolo, M. (2016a). A Norma do português em Angola: subsídios para o seu estudo.. ESP-Bengo.
- Undolo, M. (2016b). Estabelecimento do plural vazio no sintagma nominal em português angolano contemporâneo. in Lucere - Revista Académica da UCAN, Luanda. pp. 177-188.
- Undolo, M. (2020). Introdução à Linguística Aplicada ao Ensino de Português. Luanda: Editora ECO7.

Síntese Curricular do Autor

Lic. Francisco Sérgio Manuel Mabiala, professor de Língua Portuguesa no ensino secundário. É licenciado, 2016, em ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Lueji A Nkonde. Mestrando em Educação com a linha de pesquisa Linguagem e Educação. É docente, colaborador, na ESPLN, desde o ano 2016 até à data presente (2020). Leccionando as cadeiras de Língua Portuguesa 1 e 2, Morfologia e Sintaxe da Língua Portuguesa 1 e 2, Prática Pedagógica 1 e 2 e Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa. É co-orientador de vários trabalhos de fim de curso nos Departamentos de Ensino e Investigação de Línguas e Ensino e Investigação de Pedagogia, ambos, da ESPLN.